

I COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

PSICOLOGIA, TECNOLOGIA, SAÚDE E EDUCAÇÃO: AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE FRENTE A UMA PRÁTICA NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL

Marcos Vinícius Thomaz
Graduando do 10º período do curso de Psicologia – UFSJ

O presente texto traz um recorte dos resultados de uma pesquisa de iniciação científica, cujo objetivo foi o de investigar atividades de inclusão digital com usuários de serviços de saúde mental. As tecnologias computacionais têm sido utilizadas como ferramentas de trabalho no campo da saúde mental com estes usuários, enquanto trabalho educativo, artístico, de geração de renda e de interação social. Assim, o objetivo da pesquisa foi analisar as metodologias empregadas nestas atividades, ou seja, entender quais são as bases conceituais que sustentam tais práticas.

O recorte aqui descrito é o fragmento de uma entrevista com o coordenador de uma Organização Não Governamental (ONG), que desenvolve trabalhos de inclusão digital com comunidades excluídas e de baixa renda, como: populações de periferia, presídios, instituições de saúde mental, comunidades ribeirinhas, ilhas, ou seja, esta ONG trabalha com populações desfavorecidas, que inicialmente não teriam condições de se conectar a internet e/ou ter o acesso à tecnologia. A entrevista foi gravada, transcrita e interpretada a partir de uma análise do discurso, tendo como fundamentação, a obra *A Ordem do Discurso* (FOUCAULT, 2001).

Segundo o entrevistado, a metodologia que utilizam, foi desenvolvida pela própria organização e inspirada a partir dos trabalhos de Paulo Freire. Ela perpassa a realidade do educando, buscando compreender sobre a situação em que ele se encontra e sobre a comunidade na qual ele vive. Essa metodologia busca que os cidadãos sejam proativos, indo a campo desenvolver projetos para aplicá-los sobre os problemas ligados a sua realidade.

No primeiro passo dessa metodologia, os sujeitos vão fazer o que o entrevistado chamou de mergulho na comunidade, onde o educando vai buscar entender um pouco mais da realidade que o cerca. Partem da perspectiva de que o aluno aprende de uma maneira mais transformadora e se apropria de forma mais efetiva dos conhecimentos quando ele consegue refletir sobre aquilo em sua realidade.

No segundo passo, o aluno vai buscar dados e informações para desenvolver um argumento e chegar a um problema, a um questionamento, ou seja, ele vai identificar um problema que faça sentido para ser solucionado. No terceiro passo, o aluno desenvolve o plano de ação para poder eliminar esse problema. Esse planejamento se estrutura passo a passo levando-se em conta o perfil dos diferentes públicos com que trabalham. No quarto passo, o aluno vai a campo e desenvolve esse projeto dentro da comunidade. No quinto passo, o aluno avalia todo o percurso, fazendo uma análise do que aconteceu do primeiro ao quarto passo e o que aquilo significou para ele. Para o entrevistado, ao se trabalhar com essa metodologia, o ensino da tecnologia se mostra como uma ferramenta para trabalhar questões da vida dos públicos atendidos.

O discurso do entrevistado se encontra embasado por uma ideologia de transformação da situação de vida do sujeito pela educação. Nesse caso, educação enquanto inclusão digital. A principal referência que apresentam como base teórica para sustentar sua metodologia é Paulo Freire. Fizemos então, uma leitura de Paulo Freire, para analisar possíveis articulações com o que o entrevistado chamou de Metodologia dos 5 passos.

Em *Educação como Prática da Liberdade*, Freire (2009) nos diz de uma pedagogia em que a noção de liberdade ganha destaque, ou seja, as práticas educativas só se fazem efetivas quando é permitido aos educandos, sua participação livre e crítica. Nessa concepção Freireana, educação e política se encontram plenamente articuladas, já que ela problematiza as situações em que os sujeitos se encontram, o que possibilita a esses educandos:

uma discussão corajosa de sua problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão (*ibidem*, p. 98).

No que diz respeito à elaboração do método pedagógico, Freire (*ibidem*) descreve 5 fases que dizem respeito à execução prática do método. A primeira diz do levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará, selecionando os vocábulos que mais apresentam sentido existencial para cada público, assim como os saberes típicos de cada região. A segunda diz respeito à escolha das palavras, selecionadas do universo vocabular pesquisado, seguindo a lógica de que se deve partir primeiro do que os sujeitos já conhecem. A terceira trata-se da criação de situações existenciais típicas do grupo com o qual se vai trabalhar, são situações problemas que serão debatidas juntamente com o educador. A quarta etapa diz da elaboração de fichas e roteiros que auxiliem os coordenadores nas discussões. A quinta e última etapa, se foca na feitura de fichas com decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos gerados no processo.

Percebemos, a partir do discurso do entrevistado, que os 5 passos propostos como metodologia em suas atividades de inclusão digital, se relacionam teoricamente com a concepção de educação Freireana, a partir do processo pedagógico descrito, que também se organiza em 5 etapas. Analisamos que seus objetivos de propiciar discussões

com os educandos, sobre a situação em que se encontram, podem ser lidos a partir do que Paulo Freire chamou de Educação Política. Assim esta perspectiva de trabalho, foi por nós entendida, como potencialidade para se pensar práticas no campo da saúde mental, contribuído para sua produção e promoção.

Referências

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FOUCAULT, M.. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 2001.